

SYLVIE TESTUD • LÉA SEYDOUX • BRUNO TODESCHINI • ELINA LÖWENSOHN

# LOURDES

um filme de Jessica Hausner





## SINOPSE CURTA

Presa a uma cadeira de rodas por causa de uma doença incurável, Christine decide fazer uma viagem a Lourdes, local icónico de peregrinação nos Pirinéus.

## SINOPSE

O filme acompanha uma peregrinação a Lourdes. Entre os peregrinos contam-se doentes e pessoas saudáveis; empreendem esta viagem na esperança de encontrar conforto espiritual ou porque estão à procura de uma cura física. Christine é a personagem principal deste filme, presa a uma cadeira de rodas por causa de uma doença incurável. É com ela que fazemos esta viagem, descobrindo Lourdes através dos seus olhos e experimentando o seu desejo de relações sociais e de proximidade com os outros. A sua vida foi abalada pela doença que a confina a um isolamento, do qual anseia agora libertar-se. Ela gostava de voltar a ser “normal” e poder fazer o que os “outros” podem fazer de forma inconsciente. Maria é uma jovem voluntária da Ordem de Malta que trata dela. Acompanha Christine às termas e às procissões, alimenta-a, trata-lhe da higiene e ajuda-a a deitar-se. Christine observa o universo de Maria com alguma inveja. Às vezes, vê Maria como um reflexo do seu passado, o que lhe dá esperança. Mas Maria tenta, por vezes, fugir ao espectáculo da doença e prefere estar com pessoas da sua idade. Christine contenta-se, por isso, com a companhia de Madame Hartl, uma sexagenária rude e solitária. Madame Hartl não foi a Lourdes para curar enfermidades físicas, mas sim para mitigar o sofrimento de uma vida inteira passada em solidão. O vazio da sua existência tem de ser preenchido por uma missão, um sentido. Vai encontrá-lo tomando conta de Christine, rezando por ela. E a sua prece vai ser ouvida; a saúde de Christine melhora miraculosamente durante a sua estadia e acaba por se curar: volta a andar novamente. A sua cura suscita admiração, mas também dúvida e inveja. O milagre é analisado por um comité médico de Lourdes. As conclusões são vagas porque a doença de Christine é imprevisível e o seu estado pode melhorar consideravelmente mas também deteriorar-se. Christine agarra-se a esta nova oportunidade de felicidade, desejando que não seja efémera.



## NOTA DE INTENÇÕES

LOURDES é um conto cruel – um sonho ou um pesadelo. Doentes do mundo inteiro deslocam-se a Lourdes para recuperar a sua saúde. Esperam por um milagre neste local que é sinónimo de esperança, conforto e cura para os moribundos e desesperados. Mas os desígnios de Deus são insondáveis, e a esperança de que, mesmo à beira da morte, tudo possa voltar a ficar bem, parece um absurdo. Lourdes é o cenário onde esta comédia humana é levada à cena.

## COMENTÁRIOS DA AUTORA

### Lourdes, ambivalência e absurdo

O filme LOURDES mostra, por um lado, a fé num Deus bom e eterno, e por outro, uma realidade caracterizada pelo acaso e pelo efémero. LOURDES é um conto cruel – um sonho ou um pesadelo. Doentes e moribundos do mundo inteiro deslocam-se a Lourdes para recuperar a sua saúde. Esperam por um milagre, porque é precisamente em Lourdes que eles ainda acontecem. Mas Deus parece muito caprichoso, dando e tirando conforme lhe apetece, e os seus desígnios permanecem insondáveis. Lourdes é um lugar onde se afirma a existência do milagre, um lugar sinónimo de conforto e de cura para os moribundos e desesperados. Contudo, a esperança de que, mesmo à beira da morte, tudo possa voltar a ficar bem, parece um absurdo. Lourdes é o cenário onde esta comédia humana é levada à cena: a busca da felicidade e da plenitude que guia o ser humano é confrontada pela incompletude e pelo acaso. Na católica Lourdes, os paralisados sonham voltar a andar, os solitários ter amigos, os esfomeados serem saciados, mas o sentimento de ter uma vida diferente e o desejo de plenitude são universais. “De certa forma, todos estamos presos a uma cadeira de rodas.” (padre Nigl)

## A felicidade, o efêmero e a esperança

Em Lourdes, o milagre traz um período de felicidade a Christine, uma melhoria, mas não, definitivamente, salvação. A promessa de salvação que a igreja dá tem de ser adiada para mais tarde. “A maioria só obtém perdão depois da morte” (Cécile). É esta a consolação para aqueles que regressam sem terem sido curados ou que têm uma recaída: o além. O desejo de cura é, portanto, um desejo de conquista e manutenção da felicidade: viver uma vida preenchida, completa, feliz e que tenha um significado. Quando recupera, Christine espera também poder retomar os estudos, constituir uma família e aprender piano. Mas a felicidade é efêmera, vai e vem, sem que isso tenha um significado especial.

## Alguém vai ser salvo? Mas porquê ele e não eu?

Uma cura miraculosa é injusta. Porque é que uma pessoa é curada e outra não? O que é que podemos fazer para ser curados? Rezar, como a mãe da filha apática, escolher a humildade, como Cécile, ou, pelo contrário, não fazer nada, como Christine? Não há resposta para esta pergunta, os milagres são arbitrários, acontecem sem lógica nem razão aparentes. Embora o milagre seja fundamentalmente injusto, é, no entanto, uma verdadeira alegria para aquele que é curado. Um presumível miraculado não tem, todavia, a garantia de assim permanecer. A cura oferece uma nova oportunidade a Christine – ela gostaria de aproveitar a vida – mas ela sabe que esta felicidade reencontrada pode chegar ao fim a qualquer momento. Começa assim à procura de um significado, perguntando-se se deve fazer algo de especial afim de se mostrar digna da cura. Que fazer para que o milagre permaneça? Será que Deus ouve as suas preces?



## ENTREVISTA A JESSICA HAUSNER

### **Porquê situar o filme em Lourdes?**

*Jessica Hausner:* A minha primeira ideia foi fazer um filme sobre um milagre. O milagre representa um paradoxo, uma fissura na lógica que nos arrasta para a morte. Esperar por um milagre sugere um pouco a esperança de que, no fim, tudo ficará bem e que há alguém que olha por nós. Fiz muita pesquisa para encontrar o sítio certo para contar a história de um milagre. Fixei-me no caso particular de Lourdes porque queria acentuar o facto de os peregrinos aí se deslocarem na esperança de viver um milagre... À primeira vista, poderíamos pensar que o milagre é apenas positivo: um paralisado é, subitamente, curado. No entanto, durante a minha pesquisa descobri histórias de curas onde o miraculado tem recaídas: o milagre não durou. Há aqui um paralelo com o lado arbitrário da vida: há coisas que nos parecem maravilhosas, até miraculosas, e que depois se tornam horríveis ou simplesmente banais.

### **No seu filme, o milagre é comparado à ideia de sucesso...**

*J.H.:* De facto, os miraculados perguntam-se frequentemente o que é que eles fizeram para terem tido "êxito", para beneficiar de um milagre. É possível ser ambicioso, comportar-se como um bom cristão de forma a obter uma cura, ou será o milagre um acaso? Esta é uma contradição muito importante no meu filme, o facto de, por um lado, os doentes terem esperança, e de agirem de acordo com essa esperança, e por outro, eles não terem nunca a certeza de ser recompensados. Quando Christine recebe o milagre, ela pergunta-se imediatamente "porquê eu?", sobretudo porque ela não era uma pessoa particularmente crente quando chegou a Lourdes. Ela pergunta-se se esperarão dela algo que possa legitimar o seu milagre.

### **No início do seu projecto, as instituições religiosas mostraram-se cépticas quanto à forma como a fé iria ser representada no seu filme?**

*J.H.:* Tivemos várias conversas com o Monsenhor Perrier, bispo de Tarbes e Lourdes, sobre a maneira como Lourdes iria ser representada. Também falámos sobre milagres com teólogos. O que é interessante, é que os dignitários católicos também têm consciência da ambivalência do milagre. Todos nós nos colocamos estas perguntas, e é suposto que a igreja nos dê uma resposta. A questão

do sentido da vida está no centro do meu filme, mas também no centro das reflexões da igreja.

**São poucos os filmes de ficção que se passam em Lourdes... Teve dificuldades em obter autorizações de rodagem?**

*J.H.:* Fui várias vezes a Lourdes para a escolha de locais. Durante a minha pesquisa, foi-se estabelecendo pouco a pouco um entendimento mútuo entre mim e os responsáveis pelos santuários, e ao fim de um ano obtivemos a autorização para a rodagem.

**Com LOURDES, foi a primeira vez que trabalhou em França. Como é que isso aconteceu?**

*J.H.:* Quando tomei a decisão de filmar Lourdes em língua francesa, pensei que isso me permitiria ter um olhar virgem sobre aquele universo, de forma a encontrar um ponto de vista distanciado acerca daquilo que Lourdes representa e sobre o que as pessoas aí fazem...

**Depois da unidade familiar de Lovely Rita e dos corredores labirínticos de Hotel, a cidade de Lourdes é o único décor deste filme. Atraem-lhe interiores fechados, locais inacessíveis e situações exclusivas para contar as suas histórias?**

*J.H.:* Sim, muito. O local de rodagem e cenário são muito importantes para mim porque são uma forma de descrever visualmente a sociedade. Procuo para cada filme um lugar único, fechado, isolado, que me ajude a desenvolver uma narrativa. Preciso de um lugar fechado e um vestuário específico que me ajudem a construir a história. Em Hotel, as personagens vestem fardas de hotel, em Lovely Rita, fardas de colégio, e em LOURDES fardas da Ordem de Malta. Esforço-me por fazer personagens menos individualizadas, concebendo-as como protótipos que formam um sistema social ou religioso. Pessoalmente, tenho consciência de viver dentro de um sistema e que isso influencia, em parte, o meu carácter. Faço ou não faço aquilo que é esperado de mim e isso define quem eu sou. Faço parte da sociedade e é aí que desempenho o meu papel. Por vezes, isto pode ser uma fonte de conflitos porque aquilo a que aspiro não é necessariamente aquilo que a sociedade me pode oferecer. No meu filme, tento descrever um sistema semelhante, no qual cada um desempenha o seu papel.

**Porque é que escolheu a Ordem de Malta?**

*J.H.:* A Ordem de Malta também é um sistema, e coloca as mesmas questões que o sistema social em geral: quais são os nossos deveres para com a sociedade? Qual o é o nosso lugar na hierarquia? Achei que seria interessante observar estas coisas no seio desta ordem, onde as pessoas se comportam não numa base individual, mas em relação às necessidades do grupo. É esta a espinha dorsal dos meus filmes: e relação entre papel que desempenhamos na sociedade e a nossa própria identidade. Qual é o meu poder? O meu dever? Quem sou eu e quem devia ser? Os meus filmes reflectem a ideia de que não temos solução para isto...

### **Como é que os actores reagiram a este universo tão católico?**

*J.H.:* Algumas actrizes recusaram interpretar uma mulher paralisada, porque acharam que este papel, pouco “sensual”, podia prejudicar as suas carreiras. Outros questionaram o conteúdo católico do filme... Expliquei que, embora se passe em Lourdes, não deve ser entendido como um filme particularmente católico. Utilizo o cenário de Lourdes para contar uma história mais genérica...

### **No início do filme, é quase como se a personagem de Sylvie Testud não tivesse corpo, ela aparece gradualmente, para voltar a desaparecer. Como é que foi chegando a um entendimento deste papel com a sua actriz?**

*J.H.:* A Sylvie Testud compreendeu imediatamente o filme, o facto de não se tratar de uma tragédia em que a personagem principal é uma jovem paralisada, mas antes de uma parábola na qual ela é um símbolo. A rodagem foi difícil para ela, porque quanto mais filmávamos, mais difícil se tornava para ela lidar com a ausência do seu corpo. Ela só podia mexer a cara e essa situação frustrava-a muito. Ela sentiu nas profundezas do seu corpo o que é que significava ser deficiente. Foi para nós as duas uma experiência muito intensa.

### **Como é que trabalharam para a preparação deste papel?**

*J.H.:* Houve uma fase de preparação muito longa. Eu e a Sylvie Testud visitámos vários centros hospitalares para termos conhecimento das doenças, e estas visitas ajudaram-nos a compreender a doença um pouco melhor: por um lado, há as preocupações pessoais, familiares e sociais, e por outro, a experiência física de estar preso a uma cadeira de rodas. Também trabalhámos com um fisioterapeuta para perceber como é que a Sylvie devia andar no final do filme. O que foi extremamente importante para nós foi poder entrar emocionalmente numa situação fatal – ser deficiente – e encontrar uma espécie de normalidade e um bem-estar inesperados. Dia após dia, a vida continua, tal como ela é.

### **O desempenho dos actores é rigoroso, muito controlado. Como é que trabalhou com eles?**

*J.H.:* Antes de mais, faço uma *découpage* muito rigorosa; desenho um *story-board* para fixar os movimentos de câmara e para estabelecer os enquadramentos. Sigo religiosamente este *story-board* durante a rodagem. Com os actores, o meu objectivo é colocar em evidência o facto de estas pessoas se organizarem por um sistema, como se os actores formassem uma companhia de bailado que dança de acordo com as regras de uma dança, uma coreografia da sociedade em que vivem. No *plateau*, componho o plano e depois indico aos actores as posições e os movimentos. Os primeiros ensaios são, muitas vezes, bastante mecânicos, mas assim que os actores aprendem a movimentar-se neste cenário tão limitado, começam a “habitar” a cena e o filme ganha vida. Espero que com esta abordagem os actores se mantenham muito animados. Essa é a dificuldade deste método de trabalho... A Léa Seydoux, por exemplo, é uma actriz muito viva e intuitiva, e que trouxe muita naturalidade ao seu papel e ao filme, mas às vezes foi difícil prendê-la a esta abordagem!

**Nos seus filmes, os homens mantêm-se à margem. Eles personificam o poder, enquanto padres, oficiais da Ordem de Malta, médicos ou pais. Em que medida é que o poder masculino influencia as suas heroínas?**

*J.H.:* A personagem principal é uma mulher. Os homens pertencem às instituições, detêm uma posição na sua hierarquia. Considero terríveis o poder institucional e a autoridade, porque são apenas uma fachada que esconde um núcleo vazio. Os homens ligados ao poder perturbam as minhas personagens femininas que mergulham numa espécie de vazio quando percebem que este sistema de autoridade não tem qualquer substância. As minhas personagens femininas aprendem ao longo do filme que esta autoridade masculina não lhes pode dar uma resposta. Elas ficam, assim, desamparadas.

**O seu filme vai além de Lourdes e do catolicismo. Que tipo de fé é que questiona?**

*J.H.:* O filme questiona a forma como podemos dar um sentido à nossa vida através das nossas acções. Face a esta ideia encontra-se o medo de que o mundo seja sombrio e frio, sem um significado profundo, que nascemos por acaso e que morremos da mesma maneira e que tudo aquilo que fazemos ao longo da vida não tem importância. É difícil encontrar a verdade, a nossa vida é, ao mesmo tempo, maravilhosa e banal.

**O ponto de vista do filme é mais filosófico do que religioso...**

*J.H.:* Sim, inclina-se para um questionamento genérico. No entanto, interessa-me a emoção que acompanha o sentimento religioso. Ter fé é acreditar que existe algo que não pode ser explicado e que ultrapassa os limites da compreensão. Os crentes chama-lhe Deus. A fé permite aceitar que os milagres acontecem – é essa a essência da fé. O milagre existe no meu filme: algo de “miraculoso” acontece, mas logo de seguida torna-se banal. É então que percebemos que este “milagre” não contém forçosamente uma moral ou um significado... que pode ser apenas uma coincidência. É apenas uma etapa porque nada é garantido. LOURDES não é a história de uma cura, mas sim uma boneca russa, em que se abre uma caixa atrás da outra sem nunca chegar ao centro.

**Foi influenciada por outros filmes?**

*J.H.:* No meu filme anterior, *Hotel*, fiz muitas mais referências a outros filmes porque experimentei o género do filme de terror. Com LOURDES, senti-me muito mais livre, ainda que um filme como *Ordet* de Dreyer me tenha inspirado muito para este tema. Os filmes de Jacques Tati influenciaram-me pelo humor.

**Poder-se-ia interpretar o seu milagre – no estilo de Lázaro, “Levanta-te e caminha” – como uma homenagem à força da fé?**

*J.H.:* Não, porque a miraculada não é particularmente crente. O milagre do meu filme é belo, mas é um pouco como se não tivesse sido desencadeado por nada nem por ninguém.

**Porquê a atracção por longos planos-sequência, frequentemente fixos, à excepção dos movimentos de multidões?**

*J.H.:* Não há apenas planos fixos, mas também movimentos de câmara e zooms. Tendo a compor os meus planos com imagens que descrevem o funcionamento dos grupos. Num dado momento do filme, faz-se uma fotografia de grupo: os indivíduos parecem diluir-se na massa. A ordem numa fotografia destas é evidente: à esquerda, as mulheres (da Ordem de Malta), no meio, os doentes, e à direita, os cavaleiros. Tirada a fotografia, o conjunto dissolve-se e torna-se um caos. Esta pequena cena sintetiza a história que queria contar.

**Porque é que mostra as orações, as visitas à gruta e os banhos na sua duração e não de forma mais elíptica?**

*J.H.:* Mostro os elementos do processo de peregrinação: os rituais, os lugares... A verdadeira elipse está noutro lado, porque o filme faz uma economia do essencial: a falha na lógica, a razão do milagre.

**Porque é que os cortinados brancos desempenham um papel tão central?**

*J.H.:* Jogo com a ideia de que alguma coisa se esconde por detrás do cortinado. O quê, exactamente? É essa a questão. Falo do desconhecido, daquilo que nos escapa intelectualmente, que nos é emocionalmente estranho. Mas, em seguida, quando espreitamos por detrás do cortinado, vemos algo completamente banal. Em Hotel, a personagem descobre um parque de estacionamento por detrás do cortinado, e em LOURDES o cortinado esconde um ritual de lavagem com água benta de Lourdes. Abrimos o cortinado e não encontramos respostas. O significado volta a escapar-nos.

**Às vezes, a luz de Lourdes parece “iluminar” as suas personagens sem que elas sejam mergulhadas numa atmosfera “sagrada”...**

*J.H.:* Tive cuidado para que a luz não criasse uma atmosfera sagrada, e que não evocasse a presença de um ser ou de uma força superiores. Também evitei aludir a uma força superior através de movimentos de grua, por exemplo. Prefiro uma solução como a de Ordet de Dreyer: os faróis de um carro iluminam uma parede, um louco vê nisso a chegada da morte, e a família vê a chegada do carro do médico. O médico chega e cinco minutos depois a doente morre. Todos tinham razão; a luz na parede era, ao mesmo tempo, uma premissa de morte e os faróis de um carro. Acho magnífico quando um realizador encontra uma estética que reflecte este paradoxo e esta ambiguidade...

**Poder-se-ia dizer que o seu filme gira em torno de um mistério?**

*J.H.:* Um milagre questiona o significado das coisas. Poderei influenciar o caminho do meu destino através das minhas boas acções ou serei apenas um balão nas garras do acaso? Este contraste entre o significado e o arbitrário é o centro desta história. É por esta razão que Christine, após receber o milagre, diz: “Espero ser a pessoa certa”.



## ENTREVISTA A SYLVIE TESTUD

### **O que é que a levou desempenhar este papel?**

*Sylvie Testud:* Estou sempre à procura de um universo diferente dos outros. Encontrei no argumento uma certa elegância e sensibilidade, um lado de “conto de fadas pouco arranjadinho” no facto de não pôr directamente em causa os milagres de Lourdes, mas sim de sorrir perante a relação que temos com a religião. LOURDES vai no sentido oposto àquilo que se faz actualmente no cinema, não ataca frontalmente a religião, o que considero bastante elegante. A crítica no seu estado bruto não me interessa, acho artisticamente muito mais interessantes a irrisão e a insolência.

### **Como é que se preparou para o papel?**

*S.T.:* Durante a preparação, eu e a Jessica Hausner passámos muito tempo com doentes, e até travámos amizade com algumas delas. Havia raparigas de 17 anos, alegres e lindas, que pareciam ter a vida toda à frente delas; no entanto, os médicos explicaram que a contagem decrescente para a morte já tinha começado. É terrível ver alguém que atravessa um dos períodos mais belos da vida estar ao mesmo tempo condenada. Nós precisávamos de fazer perguntas às raparigas doentes para preparar o filme, e eu fazia-lhes perguntas umas atrás das outras sobre todos os assuntos, até acerca da sua vontade de sair com rapazes – o que era, percebo agora, absolutamente indecente. Precisava de o fazer para ser credível no meu papel, mas aquilo foi quase vampirismo! Um actor precisa de uma valente dose de desrespeito durante o trabalho de preparação...

### **Porque razão é que a sua personagem embarca numa peregrinação a Lourdes?**

*S.T.:* Ela vai a Lourdes para se distrair. Ela também diz para si mesma: “Vamos, logo se vê o que é que acontece!” Quando é miraculosamente curada, toda a gente fica perplexa: a miraculada é aquela que nunca vai à missa. Não existe justiça em Lourdes. A vida também é frequentemente assim: as pessoas que não bebem nem fumam ficam doentes, uma criança adoce gravemente... Neste sentido, o filme é terrivelmente justo.

### **Como é que abordou esta personagem paralisada, aparentemente impotente e dependente dos outros?**

*S.T.:* Aconteceu por etapas. Durante a preparação do filme, descobri a doença da minha personagem, a esclerose múltipla. Eu e a Jessica ficámos muito consternadas. Durante a rodagem, a personagem era complicada. Apesar de tudo, estávamos em Lourdes, e eu não podia sacar de um cigarro como se nada fosse, não podia levantar-me da cadeira de rodas em frente aos outros peregrinos ou figurantes que eram realmente deficientes... Isso seria um insulto ao sofrimento dos outros. Quando vemos os pais a empurrar os filhos em cadeiras de rodas, não podemos dizer, sob o pretexto de estarmos a fazer um filme, "Eu sou como vocês", e depois mostrar que é só uma brincadeira. Portanto, ficava na cadeira durante horas a fio, e as pessoas afastavam-se quando eu passava: acreditavam que eu estava verdadeiramente paralisada. Eu sentia-me completamente tensa e isso foi muito opressivo. Eu nunca saía da minha cadeira e, certa vez, durante uma pausa da rodagem, alguém me estacionou contra uma parede! É em momentos como este que percebemos como é que um deficiente motor tem de ficar onde o deixam, sem poder sequer virar-se de frente. É extremamente angustiante, e tive momentos de grande solidão.

### **Como é que a Jessica Hausner a dirigiu?**

*S.T.:* Encontrei uma mulher muito dedicada à sua arte, que é também uma personagem muito complexa. No filme, as personagens são quase arquétipos e eu não queria voltar a um dispositivo tão pré-determinado; gosto muito de limites, mas também tenho um lado de "menina mal comportada". A Jessica projecta-se nas suas personagens: ela gostaria de poder ser todas elas. Acho que foi doloroso para ela abandonar uma personagem para que uma atriz a pudesse incarnar. A Jessica também queria qualquer coisa de indecente: nas posturas, na pesquisa... Gosto muito disso. Apesar de estarem doentes, ela queria que os corpos se tocassem, mostrar o que não se pode mostrar.

### **Como é que olha para este fenómeno particular de Lourdes?**

*S.T.:* Em Lourdes, quando vemos as pequenas torchas dos peregrinos durante a noite, percebemos que a fé tem o poder de reunir as pessoas. É comovente, porque é difícil reuni-las em nome de outra causa. Ao mesmo tempo, é triste, porque no fundo representa uma relação egoísta com Deus: só chamamos por ele quando precisamos. Lourdes é uma cidade sagrada e, ao mesmo tempo, é um terrível supermercado da religião, com todas aquelas imagens de Jesus crucificado abrindo os olhos, e cinzeiros e lápis com a efígie da Virgem gravada... Estive em Lourdes com sentimentos contraditórios. Este lugar pode provocar tudo e o seu contrário. Também há coisas surpreendentes, como pessoas a passar em frente aos médicos para que o milagre seja validado!

### **Considera este filme mais filosófico do que religioso?**

*S.T.:* Diria antes que é deliberadamente infantil. Um gesto provocador, como uma careta ou deitar a língua de fora ao cura. O filme não esconde o seu lado

irreverente e fala de coisas muito louváveis. A Jessica pega nos contos de fadas para dizer: “A verdade é que a Cinderela é feia, mas no fim de contas foi o seu pé que coube no sapatinho!” O meu milagre no filme é como um conto de fadas – a Cinderela com o seu pé sujo – e, de repente, o pé entra no sapatinho. Ela, para quem nunca ninguém olhou, casa-se com o príncipe. No início, o “príncipe” não se interessa lá muito pela minha personagem: ele não poderia fazer nada com esta rapariga deficiente – ir de férias, fazer amor -, mas fica perturbado quando ela se cura “miraculosamente”.

### **Questionou a sua própria fé ao desempenhar este papel?**

S.T.: Há muito tempo que a venho questionando! Fui menina de coro e quase me tornei freira. Fiz tudo até que percebi que este caminho só me interessava muito moderadamente. Tinha 17 anos, e os rapazes começavam a aparecer na minha vida... Procuramos um código, uma família, um abandono de nós mesmos à religião, ouvimos aquela música magnífica, admiramos as igrejas e as catedrais, as imagens e a pintura. Há algo de gracioso e grandioso na religião. Agora, mergulho, por vezes, a mão em água benta e digo para mim mesma: nunca se sabe. Mas já não quero saber se temos ou não razões para acreditar em qualquer coisa. Isso exige muito esforço de mim e causa-me muita perturbação. Se me enganei na vida, pedirei perdão quando chegar lá acima!



# ENTREVISTA A JUAN JOSÉ TAMAYO

## o ponto de vista de um teólogo

### **Que significado tem o milagre na teologia católica?**

*Juan José Tamayo:* Os milagres têm cada vez menos importância na teologia contemporânea porque esta já não questiona se os milagres existem ou se são possíveis. O que interessa à teologia é o significado dos milagres. Os milagres fazem parte do género literário taumatúrgico que consiste em reconhecer em determinadas pessoas, nomeadamente as do mundo religioso, qualidades que lhes permitem alterar as leis da natureza (interromper uma tempestade, desafiar a lei da morte com uma ressurreição, etc.). De tudo isto, aquilo que agora interessa à teologia católica não é saber se Jesus fez milagres, ou se os milagres são a prova do cristianismo, mas qual o significado que damos a esses milagres. E esse significado profundo é que a salvação, de acordo com o cristianismo, é completa: não é apenas para a alma e não acontece só após a morte. O objectivo da salvação é obter o total bem-estar das pessoas e é nesse bem-estar que se encontra a cura física. Através do milagre, aquilo que se quer afirmar é que o ser humano é uma unidade psicossomática que tem necessidade de bem-estar e de uma realização plena.

### **Os milagres existem?**

*J.J.T.:* Para a teologia apologética, sim. Esta teologia afirma que aconteceram milagres no tempo de Jesus e que ainda hoje acontecem, e que os milagres são um sinal da verdade que representa a religião.

### **Pode dar-me uma definição da palavra “milagre”?**

*J.J.T.:* É a capacidade alterar as leis da natureza, as leis da História e as leis da vida, como por exemplo a ressurreição de um morto, a interrupção de uma tempestade (estou, naturalmente, a referir-me aos milagres de que falam os evangelhos), a cura de uma doença incurável através de medidas excepcionais sem intervenção médica ou cirúrgica, etc. É considerado milagre tudo aquilo que transgride ou vai além das leis da vida e da natureza. Trata-se sempre de um acto extraordinário.

### **Porque é que Jesus fazia milagres?**

*J.J.T.:* Os milagres de Jesus são descritos porque ele é apresentado como uma pessoa que se destacava do resto dos cidadãos do seu tempo por reunir uma série de qualidades. Isto é explicado pela relação especial que mantinha com Deus, porque recebeu a graça de Deus, como seu filho, de ser capaz de realizar milagres na vida dos outros, no seu estado físico e nas leis da natureza. É esta a tese da antiga filosofia apologética. Hoje, a teologia já não coloca a questão “Jesus realizou milagres?”, optando por interpretar aquilo que é descrito como milagre nos evangelhos. Trata-se, na realidade, de sinais que testemunham a presença de Deus, sinais do bem-estar total da pessoa e não apenas da salvação da alma.

### **Deus revela-se? Envia-nos sinais? Deixa-se ver?**

*J.J.T.:* Deus nunca intervém de forma directa. Nas religiões monoteístas, a intervenção de Deus tem lugar através de mediadores. Por exemplo, no judaísmo, Ele intervém através de Moisés e dos profetas de Israel, no cristianismo através de Jesus de Nazaré e depois pelos apóstolos, e no caso do Islão através do Profeta. A manifestação de Deus na História faz-se através de intermediários. Nas três religiões monoteístas, Deus intervém livremente nos acontecimentos, apesar de esta intervenção não ser directa. Ela faz-se através de representantes ou mediadores entre Ele e os seres humanos. Na Carta aos Hebreus, um texto do Novo Testamento, diz-se: “Antigamente, Deus falava aos homens de maneira diferente, pelo intermédio dos profetas. Hoje, Ele revela-se através do seu filho Jesus”. Depois de Jesus, ele revelou-se através de outros profetas.

### **É possível compreender os planos de Deus? Deus tem um projecto?**

*J.J.T.:* Creio que essa é uma ideia mítica que não respeita a liberdade humana. Penso que o projecto de Deus na História se traduz nos projectos humanos, e os projectos humanos são obra de seres humanos e são elaborados em conformidade com a sua liberdade. Quaisquer que sejam os projectos de Deus na História, eles são levados a cabo por seres humanos, por sua própria iniciativa, pela sua liberdade. Pensar que Deus tem um projecto, e que este projecto é imutável, para toda a humanidade, e que seria necessário concretizá-lo, era negar a liberdade humana. É por esta razão que os projectos de Deus devem ser realizados tendo em conta a liberdade do ser humano. De outra maneira, o ser humano seria uma marioneta, um simples objecto nas mãos de Deus. Pensar que apenas Ele tem projectos para o mundo, para a humanidade e para a natureza, é ter de Deus uma imagem muito arbitrária e caprichosa.

### **Podemos aproximar-nos de Deus?**

*J.J.T.:* Eis o busílis das religiões. As religiões são intermediários entre os seres humanos e Deus, para que aqueles possam comunicar com Ele. É uma comunicação pessoal e directa, mas também comunitária, através de assembleias, rituais, festas, ou até celebrações. Mas sim, seria desejável que esta comunicação do crente com Deus fosse pessoal, directa, confidencial e responsável. Além disso, a tendência actual é a de sublinhar o carácter subjectivo da fé. Isto significa que em muitos casos o ser humano comunica com Deus sem precisar de instituições ou intermediários, como por exemplo os santos ou pessoas sagradas.

### **O que é que podemos aprender com Deus?**

*J.J.T.:* Curiosamente, penso que, mesmo que isto possa parecer contraditório, podemos aprender com Ele a sua misericórdia e a sua humanidade. Leonardo Boff, um teólogo da libertação brasileiro, escreveu: "Só Deus é humano com Jesus". E é isso mesmo, porque o deus do cristianismo, o deus do Islão, e o deus do judaísmo distinguem-se pela compaixão, misericórdia, perdão, solidariedade, proximidade, comunicação directa com os seres humanos, e pela sensibilidade. O que podemos aprender com Deus é a sensibilidade face ao sofrimento e a solidariedade com aqueles que sofrem ao longo da História.

### **Uma personagem do filme pergunta: "Deus é bom e/ ou onnipotente?"**

*J.J.T.:* Eis o dilema que desde há muito tempo se coloca na história do pensamento ocidental, de Epicuro até aos nossos dias: esta aparente contradição entre a bondade de Deus e a onnipotência. Se Deus é onnipotente, porque é que ele não evita o sofrimento dos inocentes? Se Deus é bom, porque é que ele permite que as pessoas sofram injustamente? É um dilema de difícil resolução. Esta é uma das grandes críticas e das mais difíceis de responder: o ateísmo moral. Porque é que Deus permite que os inocentes sofram se ele é bom e pode evitá-lo? Se não pode evitá-lo, diz Epicuro, então é porque não é onnipotente. Se pode evitar mas não o faz, então ele não é bom. Eis, então, o grande dilema da filosofia, da teodiceia. Esta é uma situação complexa. Penso que a experiência de Deus deve ser vivida de uma maneira dual, no sofrimento e na alegria, na tristeza e na felicidade.

### **Como é que podemos receber a graça? Em resposta a um esforço?**

*J.J.T.:* Penso que a graça é um mistério e que, na realidade, a graça de Deus toca todos os seres humanos. Mas o que acontece é que cada ser humano a recebe, aceitando-a ou recusando-a de acordo com a sua opção pessoal e liberdade. A graça é uma das características fundamentais de todas as religiões: a graça é a capacidade de Deus de se entregar aos outros. Se existe alguma coisa que caracteriza a acção de Deus sobre os seres humanos é justamente a gratidão. Mas a questão é, novamente, a seguinte: "Muito bem, tu concedes um dom, uma graças, mas... porquê a uns e não a outros?" É um dos grandes mistérios da divindade... Em todo o caso, a graça deve ser acompanhada pelo trabalho humano. Era o que dizia Jorge Luis Borges: "Que a inspiração te encontre enquanto trabalhas". Que a graça te encontre e que sejas solidário e célere a responder. Somos os arquitectos da nossa graça, porque se a graça fosse qualquer coisa que dependesse de Deus e que não exigisse trabalho humano, então seria mais uma espécie de superstição.

### **Iria a Lourdes se sofresse de uma doença incurável?**

*J.J.T.:* Não, não... Nunca utilizaria medidas extraordinárias, nunca implicaria Deus na solução dos meus problemas. Parece-me que isso seria manipular o mistério e abusar de qualquer coisa que não pode ser vendida nem comprada. Ir a Lourdes para tratar uma doença incurável seria converter Deus numa mercadoria, num negócio, em comércio. Creio profundamente que o sagrado merece muito mais respeito. Aquilo que não tem cura pelos meios normais da medicina (seja qual for o tipo de medicina), não pode procurar uma outra solução através de meios extraordinários ou sobrenaturais. Eu admitiria a irreversibilidade de uma doença e assumi-lo-ia com respeito, dignidade e reconhecimento.



## UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1858, a partir de 11 de Fevereiro, a Virgem Maria aparece oito vezes a Bernadette Soubirous, na gruta de Massabielle em Lourdes. No dia 1 de Março desse ano, durante a décima aparição da Virgem, Catherine Latapie, que estava na gruta de Massabielle, vê ser curada de forma inexplicável uma paralisia cubital. No ano seguinte, o professor Vergez, agregado da faculdade de medicina de Montpellier, é encarregue do controlo das curas. São, então, homologadas sete curas no espaço de quatro anos, que servem de argumento para o reconhecimento das Aparições pelo Monsenhor Laurence, bispo de Tarbes e Lourdes. A partir dessa altura, tiveram regularmente lugar outras curas extraordinárias, ao ponto de Lourdes se ter tornado sinónimo de milagre. Em 1905, o papa Pio X exige que as curas mais espectaculares sejam sujeitas a análise. É criado em Lourdes um Gabinete Médico dos Santuários, que dispõe de um médico em permanência. O Gabinete recebe declarações de curas e decide se o inquérito de autenticação – exigido pela Igreja para o reconhecimento de um milagre – deve ou não ser posto em marcha. Este inquérito começa sob a supervisão do Comité Médico Internacional de Lourdes (C.M.I.L.), actualmente composto por cerca de vinte membros, eminências nas suas respectivas especialidades, que examinam os ficheiros das curas que são espontaneamente declarados ao Gabinete Médico. Os membros do C.M.I.L., cientistas e médicos, são incentivados pela exigência científica que governa as suas práticas. Mergulham num ficheiro médico detalhado, antes e depois de uma cura, e analisam as curas cujas probabilidades estatísticas são extremamente reduzidas, e que não obtiveram acesso aos melhores tratamentos disponíveis. Os casos são apresentados na reunião anual do C.M.I.L, e são acompanhados de entrevista e exame completo da pessoa curada.

Uma cura extraordinária pode ser arquivada ou medicamente explicada. Em 2008, sessenta pessoas apresentaram-se no Gabinete Médico, declarando-se curadas. Durante a última reunião anual do C.M.I.L, em Novembro de 2008, foram examinados cinco casos extraordinários. Desde a criação do Gabinete médico, foram já declaradas quase 7000 curas, e a Igreja declarou até ao presente 66 milagres. O reconhecimento de um milagre não é da responsabilidade do C.M.I.L. (um milagre não tem definição médica) mas da Igreja. Para ser qualificada como miraculosa pela Igreja, uma cura tem de preencher dois requisitos:

realizar-se de acordo com medidas extraordinárias e imprevisíveis, e desenrolar-se num contexto de fé, como em Lourdes. Para ser reconhecido o carácter miraculoso de uma cura, uma comissão da diocese onde a cura foi registada, presidida por um bispo, poderá efectuar uma avaliação colegial para examinar as condições em que ocorreu esta cura sob todas as perspectivas - física, psíquica e espiritual -, tendo também em consideração os sinais negativos (ostentação) e os sinais positivos (recompensa espiritual) produzidos por esta experiência singular.

## LOURDES 2008

### NACIONALIDADE DOS VISITANTES

França	431.635
Itália	410.933
Espanha	85.550
Reino Unido	57.066
Bélgica	53.281
Alemanha	48.372
Estados Unidos	24.591
Suíça	18.962
Holanda	18.255
Japão	2.558
África	1.219
Próximo e Médio Oriente	658
China	241
Outros	10.179
<b>Total</b>	<b>1.323.500</b>

Fonte : Comité Régional du Tourisme Midi-Pyrénées



## CRÍTICAS

Um milagre, como aqui se verá, não serve de consolo a ninguém, mostra “Lourdes”, da austríaca Jessica Hausner (competição). Dito assim, pode parecer que um filme ambientado, e filmado, entre peregrinos no santuário de Lourdes, nos Pirinéus, suposto local de várias aparições da Virgem (a primeira em Fevereiro de 1858) e curas milagrosas, vem carregado de ambição documental de fazer retrato e de fazer denúncia: retrato de uma pulsão fé rodeada hoje de supermercado por vários lados, por exemplo.

Não podia ser, então, mais diferente “Lourdes”, terceira longa-metragem da realizadora (depois de “Lovely Rita”, 2001, e “Hotel”, 2004). Isto quer dizer que este filme não se preparou para um ataque anti-qualquer coisa, armou-se, sim, com alguma insolência, mas é a insolência dos “contos de fada” - é aí que Hausner filia o seu filme, aliás, como disse em entrevistas, e podemos notar também que existe nele uma costela de distância “tatiana”.

O que é de assinalar, então, é precisamente o facto de a realizadora, que depois de um ano de conversações teve autorização para instalar a sua máquina de ficção no santuário, ter conseguido impor (mais ou menos coerentemente, não é um filme imaculado) o seu cortejo de cenas da comédia e da vida. Absorvendo o ambiente, mas nunca deixando que ele se intrometesse: por exemplo, na definição muito coreográfica das cenas, na propositada rigidez dos actores (Sylvie Testud, Bruno Todeschini ou a “hartleyana” Ellina Lowensohn, que pode assim mexer-se como se mexia nos filmes de Hal Hartley). Mais do que personagens, eles dão corpo a arquétipos - e todo o filme se equilibra, e às vezes se desequilibra, nessa tensão entre a ameaça do documental e a reserva de estilização da miniatura.

Falta dizer que em “Lourdes”, Sylvie Testud não se mexe. Está confinada a uma cadeira de rodas devido a doença. Embarca, como costuma fazer, numa viagem organizada a Lourdes - menos por crença em milagres, mais para sair da solidão. E o milagre acontece. Acontece-lhe. Começa a mexer-se. E a causar inveja aos outros peregrinos. Porquê ela?, perguntam. Porquê eu?, pergunta a personagem de Testud, que nem sequer é crente e está embaraçada com essa irrupção do aleatório. Do milagre, afinal, não vem salvação ao seu mundo. E na última cena vemos o corpo de Testud a fechar-se progressivamente, recolhendo-se de novo à cadeira de rodas.

VASCO CÂMARA, *Público*

Movendo-se entre o paraíso e o inferno, ou talvez apenas entre o céu e a terra, os peregrinos que caminham, tremem, e às vezes são empurrados em cadeiras de rodas através de LOURDES, parecem, muitas vezes, estar à distância. A excepção é Christine, uma jovem com esclerose múltipla que é interpretada pela actriz francesa Sylvie Testud. Enfiada numa cadeira de rodas, membros imóveis e mãos todas encolhidas, Christine olha à sua volta — para os outros visitantes, para os prestáveis voluntários e para os estranhos locais — com um olhar que parece ao mesmo tempo vazio e beatífico.

Situada no sudoeste francês, no norte dos Pirinéus, os católicos acreditam que foi em Lourdes que Bernadette Soubirous, uma jovem de 14 anos pobre, terá visto a Virgem Maria em 1858. Ela foi canonizada em 1933 pelo papa Pio XI e uma década mais tarde por Hollywood, quando, em 1943, a sua história se transformou no clássico kitsch “The Song of Bernadette,” com Jennifer Jones. Hoje em dia, Lourdes é visitada anualmente por milhões de pessoas que assistem a missas e bebem e banham-se nas águas da gruta, que são supostas terem poderes curativos. Alegadamente, a água pode curar, tal como se declara no sítio de Lourdes, [lourdes-france.org](http://lourdes-france.org): “Para a mentalidade moderna, é difícil dizer que uma coisa é ‘inexplicável.’ Só se pode dizer que ‘está por explicar.’ ” Um dos prazeres deste filme inteligente, rigorosamente concebido, e talvez algo astucioso, é que decorre num espaço entre o inexplicável (sem explicação possível) e o que está por explicar (a iluminação pode estar ao virar da esquina). A realizadora, Jessica Hausner, uma austríaca aqui a trabalhar em francês, explora os mistérios da vida, e não as suas certezas. Um dos grandes mistérios é, claro, a própria fé, como é que as pessoas acreditam naquilo que acreditam e como é que essas crenças afectam não só o seu pensamento e sentimentos mas também os seus corpos. Para Christine, que fala mais profundamente através da misteriosa discrição da sua forma quase inerte — e mais tarde através de uma possível transformação física —, a crença inscreve-se no próprio corpo.

O filme, que foi rodado em Lourdes — numa das cenas aparece o Cardeal Roger Mahony, arcebispo de Los Angeles, a presidir a uma oração — é quase todo organizado em torno dos rituais da peregrinação. Christine, que é assistida por uma jovem (Léa Seydoux) que lhe dá de comer e a ajuda a vestir-se, é empurrada de um lado para o outro. Numa das cenas, Christine visita a gruta, e a sua ajudante guia-lhe a mão encolhida até à rocha. Noutra altura, visita as piscinas, onde a água da gruta é despejada na sua cabeça. Pelo meio, come, dorme e encontra-se com outras pessoas (incluindo Bruno Todeschini e uma óptima Elina Löwensohn). Onde quer que vá, pode ver-se em fundo uma loja que vende recordações religiosas.

Contrariamente às expectativas, estas imagens repetidas das lojas de recordações não funcionam como crítica explícita, e não há nada no filme que seja tão cru como esta acusação à mercantilização da fé. Ms. Hausner, em cujos trabalhos anteriores se inclui “Lovely Rita,” está mais interessada na forma de que se reveste fé, no seu fluxo e refluxo individual e colectivo. A

espantosa imagem de abertura — um plano picado fixo de uma cantina — estabelece imediatamente os seus parâmetros. À medida que a câmara vai fixando a imagem, homens e mulheres, alguns em cadeiras de rodas, começam a aparecer, como se fossem empurrados por uma força invisível. Estão só a ser sentados para comer, mas o ângulo elevado do plano e a forma como todos se vão juntando, como se fizessem parte de um único organismo, criam a sensação de um objectivo colectivo, de um chamamento único.

As poucas conversas religiosas do filme têm lugar na sua maioria à margem da história, entre peregrinos, incluindo algumas mulheres que funcionam como uma espécie de coro grego mais humilde. Em conjunto, ajudam a criar um mundo convincente habitado por crentes e cépticos cujas ideias são amplamente expressas por apartes e pelas suas acções. Num dado momento maravilhosamente coreografado, um membro da Ordem de Malta, um grupo religioso, conta uma anedota em que a Virgem Maria é o clímax (ligeiro). Entretanto, em fundo, Christine é secretamente empurrada até à porta de saída pela sua companheira de quarto, Mme. Hartl (Gilette Barbier), uma mulher mais velha com a boca descaída, que parece pensar que o seu próprio destino está ligado ao desta mulher deficiente.

O que acontece a Christine é desconcertante, simultaneamente (como dizem em Lourdes) inexplicável e ainda por explicar. Ms. Testud, uma pequena atriz com uma presença no ecrã frequentemente gigante e feroz, demonstra um desempenho milimetricamente estudado que sintetiza o mundo através do movimento do queixo e da abertura dos olhos. Tirando o impressionante plano final do rosto de Christine — finalmente um turbilhão de sentimentos expressivos — Ms. Testud resume a sua interpretação à mudez, talvez para salvaguardar os segredos de Ms. Hausner. Porque, apesar de tudo, há muitas coisas que não sabemos nem podemos saber. Como diz uma senhora no fim do filme, durante uma breve conversa acerca de Deus, não sabemos quem é que manda. E, logo a seguir, a mesma mulher, faz uma pergunta que torna cómica a sua dúvida espiritual: o que é que, interroga-se, servirão de sobremesa? Os mistérios, como atesta Ms. Hausner, abundam.

MANOHLA DARGIS, *The New York Times*

“Excluir o milagre da vida é como excluir a casa de banho, os sonhos ou o pequeno almoço”, escreveu Graham Greene, mas os milagres tendem a ficar fora dos filmes, a menos que sejam especificamente sobre a vida de Cristo. Por isso, um filme que se ambiente em Lourdes, entre crentes e pessoas em cadeiras de rodas que se deslocam a esse famoso santuário na esperança de uma cura, tem de desencadear inevitavelmente nos espectadores uma série de expectativas: expectativas de ironia e desilusão, ou o seu grotesco oposto, ou talvez, no lugar de uma cura, um momento violentamente satírico do tipo Dr. Estranhoamor, um

anti-milagre nauseabundo, semelhante ao grito eufórico do ex-Nazi – “Consigo andar!” – no filme de Kubrick, no momento em que a destruição nuclear da terra é inevitável.

Além disso, este filme é de Jessica Hausner, a realizadora austríaca cujo nome é normalmente referido com os de Ulrich Seidl e Michael Haneke: realizadores que são capazes de trazer ao de cima a gélida crueldade da serena vida da classe média europeia. Mas Hausner gere e controla as nossas expectativas com este filme misterioso, estupidamente subtil e formidavelmente composto. Trata do que à primeira vista parece ser um acontecimento milagroso, mas depois Hausner, repetida e habilidosamente, permite-nos suspeitar que algo de terrível está para acontecer, fazendo-nos aproximar da catástrofe aparente, para de seguida permitir que o perigo se afaste, ao mesmo tempo que nos deixa a suspeitar que o desastre já terá, de alguma forma, acontecido – ou talvez algo completamente contrário ao desastre. Seja como for, à medida que se vai desenrolando a acção deste filme notável, fica-se com a estranha sensação que tudo o que aconteceu no ecrã foi invisivelmente esmagado por algo muito importante.

Sylvie Testud interpreta de forma tremenda o papel de Christine, uma jovem francesa que sofre de esclerose múltipla e vai a Lourdes numa excursão religiosa organizada pela Ordem de Malta. Não mexe as pernas e os braços e as suas mãos estão fechadas. Em Lourdes, desenvolve um interesse vivo e inteligente pelos rituais, embora sem aparente fervor ou desespero, e relaciona-se facilmente com os outros peregrinos, incluindo uma mulher com uma filha incapacitada e uma mulher mais velha, Madame Hartl (Gilette Barbier), que resolve tornar-se guardiã e companheira de quarto de Christine. Elina Löwensohn faz de enfermeira chefe e líder do grupo, uma espécie de militar que desaprova todo o tipo de comportamento egoísta ou ímpio. Há ainda Kuno, interpretado por Bruno Todeschini, um lindíssimo voluntário que de forma muito discreta, refinada e cavalheiresca admira a coragem e beleza serena de Christine.

Como toda a gente, Christine absorve o ethos reinante de Lourdes, que a cura espiritual é que é importante – um credo que permite que todos partam sem pensar que a sua viagem foi uma desilusão ou uma perda de tempo. Além do mais, todos têm noção do milagre “fantasma”, um fenómeno rotineiro. Alguns, no calor do momento, levantam-se de facto da cadeira de rodas, para, ao fim de algumas horas ou alguns dias, se voltarem a afundar nela, quando a euforia se esgotar. Há, em todo o lado, abordagens metafóricas e resignadamente racionais ao milagre. E contudo...

À medida que os acontecimentos se sucedem, vai parecendo possível que uma espécie de estranho salto quântico entre a saúde e a doença possa ocorrer. Se a força física abandona de repente uma pessoa, é possível que migre para outra – mas se a graça divina visitar outra pessoa por misteriosos desígnios, isto pode causar ondas de insatisfação e ressentimento entre os restantes membros

do grupo, e o estado anterior das coisas pode ter que vir a ser reavaliado. Nas composições de grupo de Hausner, cria-se uma indiferença calma, elegante e com um humor negro quase imperceptível, em que o espectador tem de estar sempre atento, não vá acontecer algo fundamental a meia distância.

O último filme a ambientar uma cena em Lourdes foi *O Escafandro e a Borboleta*, de Julian Schnabel, em que Jean-Dominique Bauby, um editor de revista incapacitado interpretado por Mathieu Amalric, se recorda de um fim de semana porco passado naquele local, uma escolha bastante estranha. Jean-Pierre Cassel foi escolhido para o duplo papel de padre e vendedor de quinquilharia barata. Toda a ironia, mundanidade e astúcia dessa cena – e todo aquele pormenor – está totalmente ausente desta obra enigmática e sedutora de Jessica Hausner, que foi realmente rodada em Lourdes: a cena da missa parece ter sido filmada com os actores “diluídos” no meio de peregrinos verdadeiros. Os espectadores têm o direito de perguntar se parte da ambiguidade e contenção do filme de Hausner estará relacionada com o pedido de autorização para filmar essas sequências, mas até essa possibilidade tem o seu fascínio subversivo.

Lá para o fim, dei por mim a pensar em *Dia de Cólera* de Dreyer, em que a inclinação de Anna para o mal parece passar da metáfora para o real: a sensação de que a bruxaria não é apenas uma metáfora para o enfraquecimento, mas algo que ela é literalmente capaz de realizar. É um momento de perplexidade que rasga o tecido racional do filme – aqui não existe um sentido claramente comparável, mas haverá certamente um leve sinal de ansiedade sobre a possibilidade do milagre ser real, e que é, por isso, igualmente alarmante, perturbante e ameaçador –, tal como tudo o resto no mundo real. Alguns espectadores poderão sentir-se desconcertados ou até exasperados com os momentos finais do filme, mas eu vi neles mais uma demonstração da estimulante técnica e absoluta inteligência de Hausner, como se fosse um músico extraordinário. É o seu melhor filme até ao momento.

PETER BRADSHAW, *The Guardian*



## BIOFILMOGRAFIA

Jessica Hausner nasceu a 6 de Outubro de 1972 em Viena, na Áustria. Estudou realização na Filmakademie de Viena onde, em 1996, dirige uma curta-metragem, *Flora*, que obtém o Leopardo de Amanhã no festival de Locarno. *Inter-view*, o seu filme de final de curso, recebe o Prémio do Júri Ciné-Fondation do Festival de Cannes, em 1999. Dois anos mais tarde, *Lovely Rita*, a sua primeira longa-metragem, é seleccionada para a secção Un Certain Regard do Festival de Cannes. O filme é distribuído em vinte territórios. A sua segunda longa-metragem, *Hotel*, é também seleccionada em 2004 para o Un Certain Regard, e obtém em 2005 o Grande Prémio para Melhor Filme Austríaco no festival Diagonale. *LOURDES* é a sua terceira longa-metragem.

- 2009** *Lourdes*, longa-metragem
- 2006** *Toast*, curta-metragem
- 2004** *Hotel*, longa-metragem
- 2003** *Friendly Alien*, documentário
- 2001** *Lovely Rita*, longa-metragem
- 1999** *Inter-view*, curta-metragem
- 1996** *Flora*, curta-metragem

## FICHA ARTÍSTICA

Sylvie Testud, Léa Seydoux, Bruno Todeschini, Elina Löwensohn, Gerhard Liebmann, Linde Prelog, Heidi Baratta, Hubsli Kramar, Helga Illich

# FICHA TÉCNICA

**Casting** Kris de Bellair, Markus Schleinzer

**Maquilhagem** Maya Benamer, Silvia Pernegger, Martha Ruess, Loli Avallanas

**Guarda-roupa** Tanja Hausner

**Som** Uve Haußig

**Mistura de som** Elektrofilm Matthias Lempert, Bernhard Maisch

**Design de som** Out of silence Erik Mischijew

**Design de produção** Katharina Wöppermann

**Montagem** Karina Ressler

**Director de fotografia** Martin Gschlacht

**Director de produção** Bruno Wagner

**Produtores Martin** Gschlacht, Philippe Bober, Susanne Marian

**Argumento e realização** Jessica Hausner

**Com o apoio de** Österreichisches Filminstitut, Filmfonds Wien, Eurimages Council of Europe, Medienboard Berlin-Brandenburg, Filmstiftung Nordrhein-Westfalen, Région Midi-Pyrénées, Land Niederösterreich

**Em colaboração com** ZDF/Arte, Arte France Cinema, ORF (Film/Fernseh-Abkommen), Tps Star

Áustria/ França/ Alemanha, 2009, 99', cor

Distribuído por Alambique